

ser muito persistentes e que são muito sérios relativamente ao que reivindicam. Por outro lado, querem trazer a discussão para as famílias, o que faz com que pais e avós estejam a ser confrontados com a situação. É uma situação que não só afeta diretamente os que vão para a rua manifestar-se, mas tem uma área de ressonância muito maior, e é isso que o torna tão poderoso. Acho mesmo que as Fridays for Future mudaram os tópicos da discussão, são um movimento muito significativo.

Os Verdes alemães têm tido mulheres no topo há vários anos. Esta Comissão vai ser equilibrada em termos de distribuição de cargos por género?

Não tenho expectativas diferentes em relação a esta Comissão do que teria em relação a outra. Como a população está mais ou menos dividida em 50% de mulheres e 50% de homens, é normal ter uma Comissão equilibrada. Não é uma coisa que eu tenha desejado para obter um resultado específico, é uma questão de democracia. E é uma questão de justiça ter uma representação paritária. Para mim é um valor em si.

O que espera que seja conseguido relativamente às migrações, num contexto em que há países como a Hungria e a Polónia que irão resistir a qualquer esquema de redistribuição de pessoas?

O verdadeiro problema são os governos dos Estados-membros que não têm feito o seu papel, que não têm chegado a nenhum tipo de acordo. No PE temos trabalhado sobre isso e feito propostas. Acho interessante que no Parlamento as coisas funcionem, que consigamos chegar a consensos e a compromissos, e que no Conselho não consigam atingir estes objetivos. Acho isso fascinante! Espero que os Estados-membros se apercebam da magnitude do problema e resolvam parar de o empurrar para o lado, como se assim o fizessem desaparecer, e partam para a ação efetiva.

Falou em compromisso político. Muitas vezes os cidadãos são a favor e os seus governos agem contrariamente. O que fazer nestes casos?

Se os Estados-membros têm um problema com a chegada à Europa de refugiados, é preciso que os vários governos reconheçam que têm a obrigação de cumprir a lei internacional. Podem decidir ignorar o problema ou fazer alguma coisa. É disso que se trata. / C.P.

Porém, a realidade garante que já não é opção manter o estado das coisas como até aqui. “Se insistirem na indústria de motores a gasolina e a diesel, o problema manter-se-á”, conclui.

Garantir o futuro hoje em dia já não tem o mesmo significado que tinha para a geração dos “homens brancos idosos”. Assim os define, incluindo-se no conceito, Martin Petrizik. É barista em Mitte, zona próxima do Muro que dantes dividia o país em dois, tem 54 anos e é pai de três filhos na casa dos 20 anos.

“O que interessava à minha geração era poder assegurar o sustento. O resto era subsidiário. E assim que isso estivesse garantido, poderíamos dar-nos ao luxo de pensar no ambiente ou refletir sobre o gasto de energia, e tudo o mais”, afirma Petrizik. Hoje, os jovens põem tudo isso em causa, o sustento e a autonomia financeira não são o mais importante, porque o que eles querem “é estar em sintonia com outra espécie de consciência”.

Tal como Andreas Weise, é de opinião que o movimento Extinction Rebellion já inclui a revolta na sua génese e nos seus atos e está a virar-se contra as leis que estão atualmente em vigor. Exige que sejam atualizadas para ser possível agir rapidamente onde interessa mudar o estado das coisas. “Felizmente”, diz Petrizik, “temos cada vez mais vozes”, além da de Greta Thunberg. E lamenta que a jovem ativista sueca polarize a sociedade, o que permite que a atenção seja desviada daquilo que é realmente importante na sua mensagem: não ouçam o que eu digo, ouçam o que dizem os cientistas. “É pena que a ‘imprensa boulevard’ empurre os ativistas para um beco”, onde acabam por ser vistos como gente que apenas quer provocar o caos na cidade de Berlim, remata Petrizik.

Um dia, a paciência de ativistas como Manon Gerhardt e outros milhares que vieram de todo o

país para aderirem à causa e às manifestações propostas pelos Extinction Rebellion irá chegar a um limite. Para já, prometem que este é apenas o início, mas as ações e as exigências vieram para ficar. Em qualquer altura a narrativa mediática que insiste em fechá-los na bolha de desordem pode perder para aquela que vê neles a militância urgente pela ação.

“Muitas pessoas querem continuar a viver como até aqui e não estão dispostas a abdicar de nada”, ainda que não sejam a maioria, afirma Jürgen Joachimstahler. Este alemão ocidental na casa dos 50 está ciente de que não é de desprezar a força do movimento de revolta contra “esse estilo de vida”. Nasceu no Sul do país, em Karlsruhe, este responsável pelas compras da Fundação Warentest mudou-se em fevereiro de 1989 para Berlim, então ocidental, com o objetivo de escapar ao serviço militar. Pegou na bicicleta e no espaço de uma semana atravessou o país até onde lhe era permitido. Ao chegar à fronteira com a Alemanha de Leste foi obrigado a viajar os últimos 200 quilómetros de comboio, porque os ocidentais não tinham autorização para circular nas estradas da República Democrática Alemã.

Tal como naquele tempo, Jürgen continua a deslocar-se sempre de bicicleta, e foi assim que ficou a conhecer Berlim Leste depois de desmantelado o Muro: “Parecia mentira que não tivéssemos de parar na Alexander Platz, que pudéssemos passar para aquela parte da cidade. Eu visitei tudo de bicicleta, bairros inteiros que estavam num estado de conservação desolador. As infraestruturas eram caóticas e não havia telefones no Leste.”

Jürgen tem dois filhos, de 18 e 15 anos. O mais velho está totalmente comprometido com o movimento Antifa e dedicado a um projeto comunitário na Potsdamer Platz onde passa o tempo que lhe sobra quando não está a manifestar-se. “Ele tem uma posição política muito definida e participa em todas as manifestações.” Na véspera alinhou no protesto contra Erdogan, o presidente da Turquia, e a favor dos curdos na Pariser Platz, mesmo atrás das Portas de Brandemburgo. “Falamos poucas vezes, mas ele aproveitou logo para me dizer que eu deveria juntar-me ao protesto.” Ainda que com alguma pena de que o ativismo consuma toda a sua energia e tempo, “como se tivesse sido raptado” por aquela movida, Joachimstahler apoia o filho, reconhecendo que é a atitude certa para o tempo em que nasceu.

“Há um consenso entre a AfD [Alternativa para a Alemanha, partido de extrema-direita] e as pessoas que se opõem ao debate sobre o clima”, explica Joahnn Burmeister, 36 anos, engenheiro civil de Dresden. Em maio deste ano este concelho do Leste elegeu 12 deputados da AfD, tantos quantos os do partido A Esquerda (extrema-esquerda também herdeira do partido comunista da RDA), menos um que a CDU e só menos três que Os Verdes. Burmeister conhece bem o contexto “negacionista da ciência” e não hesita em afirmar que aquilo que os une é a ignorância. O clima é um dos temas de que “não entendem nada”. Por isso odeiam Greta Thunberg, negam as alterações climáticas e fazem graças boçais sobre os verões anormalmente quentes. “Acham-se muito espertos, nem sabem o quanto ignoram enquanto se limitam a resistir”, conclui.

“São caminhos diferentes”, resume Gertrud Graf enquanto procura um sítio para pôr a fatia de bolo na qual acaba de dar uma dentada, no final da reunião de definição de estratégias. Prepara-se para esclarecer o que fazem as Omas Gegen

O movimento Extinction Rebellion já inclui a revolta nas suas ações e está a virar-se contra as leis que estão atualmente em vigor. Não se sabe ainda como, mas irá tender a radicalizar-se